



FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira. Sobre literatura.** Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, [2013].

Todo o homem que fala faz uso, ao menos em segredo, da absoluta liberdade de ser louco, e, inversamente, todo o homem que é louco e que parece por isso mesmo, ter se tornado absolutamente estrangeiro à língua dos homens, também este, acredito, é prisioneiro no universo fechado da linguagem. (FOUCAULT, 2016, p. 54).

Num mundo onde Deus está definitivamente morto, e onde sabemos, apesar de todas as promessas, da direita e da esquerda, que não seremos felizes, a linguagem é o nosso único recurso, nossa única fonte. Ela nos revela, no próprio oco de nossas memórias, e sob cada uma de nossas Palavras, sob cada uma dessas Palavras que galopam através de nossa cabeça, o que ela nos revela é a majestosa liberdade de ser louco. (FOUCAULT, 2016, p. 56).

Gostaria de falar de outra coisa, dessa estranha experiência literária que faz a linguagem rodopiar sobre si mesma e descobre, no avesso de nossa tapeçaria verbal familiar, uma lei surpreendente. Essa lei, acho que poderíamos formulá-la assim: a linguagem, não é verdade que ela se aplique às coisas para traduzi-las; as coisas é que são, pelo contrário, contidas e envolvidas na linguagem como um tesouro afogado e silencioso no tumulto do mar. As palavras, seu encontro arbitrário, sua confusão, todas as suas transformações protoplasmáticas bastam por si só para fazer nascer todo um mundo ao mesmo tempo verdadeiro e fantástico, um mundo muito mais velho que nossa infância (...) (FOUCAULT, 2016, p. 57).

Logo toda a literatura, como ato de fala, só é possível em relação a essa língua, em relação a essas estruturas de códigos que tornaram cada palavra da língua efetivamente pronunciada, que a tornam transparente, que permitem que seja compreendida. Se as frases têm um sentido, é porque cada fenômeno de fala se encontra alojado no horizonte virtual mas absolutamente coativo da língua.

Tudo isso são noções, é claro, muito conhecidas.

Mas será que não se poderia dizer isto, que a literatura é um fenômeno de fala extremamente singular e que se distingue provavelmente de todos os outros fenômenos de fala? De fato, a literatura, no fundo, é uma fala que obedece talvez ao código, em que está situada, mas que, no exato momento em que começa, e em cada uma das palavras que pronuncia, compromete o código em que se encontra situada ou compreendida. Vale dizer que, cada vez que alguém pega na pena para escrever alguma coisa, trata-se de literatura na medida em que, se quiserem, a coação do código se encontra suspensa no próprio ato que consiste em escrever a palavra — suspensão que faz com que, no limite, essa palavra possa muito bem não obedecer ao código da língua. Se, efetivamente, cada

palavra escrita por um literato não obedecesse ao código da língua, ela não poderia absolutamente ser compreendida, seria absolutamente uma Palavra de loucura — e talvez esteja aí a razão do copertecimento essencial da literatura e da loucura em nossos dias. Mas isso é uma outra questão; podemos dizer simplesmente isto: que a literatura é o risco sempre corrido e sempre assumido por cada palavra de uma frase de literatura, o risco de que, afinal, essa palavra, essa frase, e então todo o resto, não obedeçam ao código. (FOUCAULT, 2016, p. 108-109).

Ex. frase em Proust ou fora de Proust “Por muito tempo deitei-me cedo”